

Reflexões sobre o trabalho em saúde mental na contemporaneidade: considerações sobre a interdisciplinaridade a partir da Ética*

Reflections about Mental Health Work in Contemporaneity: Considerations for Interdisciplinary from the Ethics

*Gilberto Safra**
Gabriel Zaia Lescovar****

Resumo

Este trabalho se propõe a refletir sobre a especificidade do trabalho interdisciplinar clínico em saúde mental na contemporaneidade a partir de suas implicações éticas. Para isso, empregar-se-á um trecho do filme de Marcos Prado, denominado: “Estamira: Tudo que é imaginário tem, existe, é”, que narra a trajetória de vida de Estamira, uma mulher de 63 anos, que sofre de distúrbios mentais e que por 20 anos viveu e trabalhou em um aterro sanitário na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: *saúde mental, loucura, contemporaneidade, clínica, ética.*

Abstract

This work aims to reflect on the specific nature of interdisciplinary clinical work in contemporary mental health from its ethical implications. For this,

* Este breve artigo, fruto do trabalho conjunto dos respectivos autores, encontra-se modificado a partir da apresentação realizada com o mesmo título no Pólo de Atenção Intensiva em Saúde Mental da Zona Norte de São Paulo, por Gabriel Z. Lescovar.

** Psicanalista, Professor Livre Docente do Instituto de Psicologia da USP/SP, Professor do curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP e coordenador do LET – Laboratório de Estudos da Transicionalidade. E-mail: iamsafra@uol.com.br

*** Psicólogo, Psicanalista, Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro do Laboratório de Estudos da Transicionalidade – LET/PUC-SP e Psicólogo do Pólo de Atenção Intensiva em Saúde Mental da Zona Norte. E-mail: gzlescovar@gmail.com

we will employ an excerpt from Marcos Prado's film, "Estamira: Tudo que é imaginário tem, existe, é" which describes narrates the life history of Estamira, a 63-year-old woman, suffering from mental disorders and who lived and worked in a landfill in Rio de Janeiro for 20 years.

Keywords: *mental health, madness, contemporaneity, clinic, ethics*

Eu, Estamira, sou a visão de cada um!

Este trabalho tem por objetivo tecer algumas reflexões sobre a especificidade do trabalho interdisciplinar clínico em saúde mental na contemporaneidade, a partir de suas implicações éticas. Partindo das práticas clínicas dos respectivos autores, empregará-se um breve trecho do filme de Marcos Prado, denominado: "Estamira: Tudo que é imaginário tem, existe, é", como forma de fundamentar tais reflexões teórico-críticas, sem afastá-las do campo da experiência de vida. (Safrá, 2004, 2006). Assim sendo, serão empregados alguns relatos autobiográficos de Estamira; uma mulher de 63 anos que sofre de distúrbios mentais e que por 20 anos viveu e trabalhou em um aterro sanitário na cidade do Rio de Janeiro, como ponto de partida para tais desenvolvimentos.

1. A LUCIDEZ DE ESTAMIRA SOBRE O ADOECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

Ferenczi em seu *Diário Clínico* (Ferenczi, 1932/2003) já nos dizia: "O louco tem um olhar agudo para as loucuras da humanidade". (Ferenczi, 1932/2003, p. 51). O que Estamira nos ensina a respeito do adoecimento humano no mundo contemporâneo?

O trecho do filme de que dispomos para realizar este trabalho envolve aproximadamente os 14 minutos iniciais, em que vemos, através de uma paisagem, Estamira caminhando... Mas ela caminha em direção a quê? Este documentário se inicia com Estamira indo a um dos aterros da cidade do Rio de Janeiro, chamado Aterro Sanitário de Jardim Gramacho. Ao longo da

apresentação deste documentário vemos uma paisagem de desolação. Entre restos e lixo, humanos vivem, trabalham e lutam por sua sobrevivência. E ela caminha sozinha por todo um campo de desolação...

Estamira inicia seu depoimento de uma forma bastante singular. Ela nos fala do “trocadilho” e de sua missão nesta vida: “Desvelar a verdade, somente a verdade!” O que ela nos quer comunicar ao se referir ao “trocadilho” no mundo contemporâneo? Para ela, na atualidade as coisas e os valores estão invertidos.

Se pegarmos o depoimento dela, nós podemos colocar lado a lado: a cidade e o aterro. E nós podemos ter a ilusão de que a desolação está no aterro, mas se nos propomos a seguir o seu jogo de contrários, ele nos assinala que a desolação não está no aterro, mas no *próprio modo de vida atual dos seres humanos*.

De repente, aparece Estamira isolada e absolutamente só, saudada pelos cães, que ainda guardam o reconhecimento da dimensão originária do convívio. E podemos perceber que esta experiência de Estamira no aterro é a imagem/fotografia do que acontece com cada ser humano *na cidade*. “Trocadilho”? Só que ao assistir o trecho do filme podemos ficar com a ilusão de que a desolação está longe de nós, se não levarmos em conta a própria semântica existencial de Estamira (Safra, 2006); o que, ao nosso ver, revelou um diretor muito sagaz em notá-la. Certamente o aterro não está entre nós? Esta é a semântica pessoal de Estamira: é preciso fazer uma leitura do mundo às avessas.

Estamira fala de um mundo devastado. Mas devastado do quê?

Em primeiro lugar, nós percebemos pela acolhida dos cães que este mundo encontra-se desolado pela *falta de hospitalidade do Humano*. O cão guarda a hospitalidade. O Homem já não. Não há ninguém lá presente para receber e acolher. Encontramos uma devastação do mundo pela dificuldade que as pessoas hoje têm de encontrar a hospitalidade a partir de uma relação humana com outro humano. Falta outro rosto humano saudando-nos a nossa chegada. Algo sobre o que Emmanuel Lévinas (1977) discorreu muito precisamente ao se referir ao mundo contemporâneo.

Um segundo aspecto que o trecho do filme nos mostra é que, ao vemos Estamira no aterro, ela antes de iniciar suas atividades se veste.

Mas podemos pensar que ela simplesmente troca de roupa para trabalhar. No momento em que ela se veste com os seus trajes, ela concomitantemente assume uma presença, um propósito. “A minha missão além de ser a Estamira, é revelar a verdade e somente a verdade, seja a mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara; ou então, ensinar a mostrar o que eles não sabem... Não tem mais inocentes, o que tem é esperto ao contrário!” Ela mostra que o mundo também se encontra desolado porque falta aos homens se vestirem de um propósito que os demarquem a partir de um percurso humano, para além do imediatismo do momento e da saciedade. Estamira está em todo homem que se veste com a indignação, com a dignidade, com o cuidado. Ela se apresenta como alguém que vai delatar a degradação da condição humana no mundo.

E então, encontramos uma fala de Estamira que é quase profética. Encontramos um tipo de fala muito específica porque conjuga loucura e lucidez! Ela, do seu jeito singular, apresenta a situação do mundo.

E ela fala de um mundo que se caracteriza como? Por um “desgastar” do ser humano, com a retirada do ser humano de própria força de sua condição; uma força que não é somente corporal, mas fundamentalmente dada por uma envergadura própria à dignidade e a um lugar ético.

De repente o ser humano está “tão gasto”, tão destituído de sua condição como aqueles dejetos que se encontram no aterro. Ela, então, apresenta um retrato do mundo e da própria condição humana que ficaram jogados no limbo.

Temos então toda esta cena se configurando diante de nós... Vemos também as máquinas, que vão aparentemente só puxando o lixo... Temos diante dos nossos olhos “a imagem do mundo”, a presença de uma tecnologia hegemônica que passa por cima daquilo que é fundamental para nos constituirmos enquanto humanos dotados de valor e dignidade.

Atualmente a hegemonia da tecnologia significa a redução do Homem à mera funcionalidade. Hoje temos uma destituição do valor humano. De forma vertiginosa, a vida humana sofreu transformações em seus diferentes registros. Hoje o Homem é lançado ao mundo contemporâneo, no qual o tempo não mais é medido por dias... meses... etapas de vida ou acontecimentos significativos entre humanos, mas pela velocidade

da informação globalizada! Os espaços público e privado passaram a se confundir, na primazia dos *Orkuts*, *Realitys Shows* e Diários Eletrônicos. A identidade pessoal cada vez mais foi se tornando uma emenda especular em que os corpos passaram a ser reduzidos a objetos-signo, de consumo rápido, marcados pela luta incessante contra o envelhecimento e a morte. Encontramos rostos assombrosamente sem expressão, rostos de “bonecas de porcelana”, além da vulgarização do corpo como manifestação de uma pseudo-sexualidade... De maneira geral, a vida doméstica se empobreceu e a comunicação humana passou a ser muitas vezes reduzida à obtenção de informações e respostas rápidas aos problemas cotidianos, em que saúde tornou-se atrelada à funcionalidade dos órgãos e à negação da própria dor e adoecimento, o que implica o próprio existir humano. (LESCOVAR, 2008).

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE A PARTIR DA ÉTICA

O que significa para nós, que trabalhamos com saúde, reduzir o Homem à mera funcionalidade? Como recebemos nossos pacientes?

É aqui que vemos no depoimento tão contundente de Estamira uma indicação para nós como possibilidade curativa, exatamente quando ela faz uma distinção entre aquilo que é “resto” e aquilo que é “descuido”. E como Estamira fala tudo isso? Ela tem a consciência aguda de que é uma remanescente e uma guardiã do “único condicional”. Quem é, portanto, o único condicional?

Vejamos: só é condicional aquele que é criatura! O incondicional é o Divino. O Homem é o único condicional porque é criatura que tem como função, como ela diz: “preservar, cuidar, ajudar”. E então, imageticamente, vemos um senhor, o único condicional, cuidando e ajudando os filhotinhos de cães... durante o filme... E a vemos, resgatando aquilo que foi descuido... aquilo que foi a própria condição humana. Não são os objetos materiais que estão descuidados, mas os próprios seres humanos que estão esgarçados e descuidados. Quando o mundo humano se encontra desgastado, o Homem

perde a sua posição de “único condicional”. Ele se torna coisa, objeto de uso e consumo, destituído de sua dignidade e possibilidade de realização de um percurso humano.

Por este motivo, quando falamos de que nossos pacientes padecem de “problemas sociais”, este é apenas um dos aspectos mais visíveis de todo um estilçamento da dignidade humana. Que tipo de serviço precisamos oferecer para se contemplar tal desolação? Notem que o problema contemporâneo é muito maior do que a falta de condições materiais que possam dar sustentação à vida humana. A desolação é muito pior. A falta é de reconhecimento do outro enquanto ser igual a mim, que enlouquece porque não encontra receptividade no mundo, não encontra um sentido que lhe confira um percurso significativo perante si mesmo e os outros humanos... porque, de diferentes maneiras, foi sendo tratado como objeto a ser usado e desgastado. Será que ao tratarmos nossos pacientes como simples objetos de nossa teorização e tecnologia, perdendo a sua dimensão humana e própria do sofrimento humano, não estamos perpetuando a violência que já existe em um mundo adoecido? Pressa para devolvermos após rápida internação a que sociedade? Onde se encontram a alienação e a desolação? Quem está louco ou adoecido?

Muito se conquistou com a gradual extinção do modelo manicomial, mas, hoje em dia, nos fica a pergunta: devolver o paciente para onde? Não se trata de uma simples questão social, mas trata-se de uma questão ética! Quando nos referimos à condição ética humana, estamos nos referindo às próprias condições necessárias ao acontecer humano. (Safra, 2004) Não se trata de simplesmente tornar o mundo igualitário a todos, mas de resgatar o Homem em sua própria condição humana. (Benjamim, 1999; Safra, 2006). De que maneira cada especialidade pode fazer isso, sem que confundam os papéis e os próprios profissionais não se desgastem?

À medida que Estamira nos fala que “ela é um olhar”, ela nos revela que “Estamira é um modo de olhar a verdade humana”. Do ponto de vista cinematográfico, vemos então a imagem do fogo, o símbolo mesmo do próprio espírito humano, isto é, da própria capacidade humana de enxergar e ir mais além em tudo que se faz, em tudo que se cria, através da atribuição de sentidos e significados humanos à obra humana.

Estamira é a presentificação do fogo. Ela é ígnea em sua luta, em sua militância por um mundo melhor, em sua busca pela dignidade humana. Este é o espírito humano! Que não se apaga em meio aos dejetos, em meio à destituição da dignidade humana. Esta é a missão de Estamira: não se apagar. E assim ela nos ensina qual o caminho possível a nós, seres humanos e profissionais em saúde mental: através do cuidado, da solidariedade, do respeito, do resgate do descuido que se encontra em todas as partes, na receptividade e acolhimento ao outro...

Nós temos cotidianamente a experiência de perceber o quanto nossos pacientes nos chegam a partir de uma experiência de si mesmos como sendo dejetos. Não raras vezes suas queixas ou delírios giram em torno da questão do valor pessoal. Eles precisam de que alguém possa tratá-los a partir de suas especificidades, guardando este olhar humano. Precisam de alguém que possa ter este espírito ígneo capaz de resgatá-los dos mais variados descuidos que viveram, testemunhando suas dores, suas percepções e significados.

Somente é possível haver interdisciplinaridade quando houverem sido contempladas as condições éticas humanas, seja no trato direto com os pacientes e até mesmo entre os próprios profissionais. Conforme Ferenczi (Ferenczi, 1932/2003) também já nos ensinou: “Só a compaixão cura!”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benjamim, W. Fragmentos Teológicos-Políticos. In: Gagnebin, J. M. (1999). *História e Narração em Walter Benjamim*. São Paulo: Perspectiva, pp. 93-95.
- Ferenczi, S. (1932/2003). *Diário clínico*. (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lescovar, G. Z. (2008). *Produção científica: dissertações e teses do IPUSP (2003/2008)*. 256f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lévinas, E. (1997). *Totalidade e Infinito*. Salamanca: Sigueme.

- Prado, M. & Padilha, J. (Editor). Prado, M. (Diretor). *Estamira: tudo que é imaginário tem, existe, é*. Zahar Produções e Prefeitura do Rio de Janeiro, 2007.
- Safra, G. (2004). *A Po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras.
- Safra, G. (2006). *Hermenêutica na situação clínica: O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Sobornost.